
Resenha

M.M. para os não-íntimos

Luís Donisete Benzi Grupioni

Phyllis Grosskurth – Margaret Mead - Uma vida de controvérsia. (tradução de Bárbara Heliadora), Rio de Janeiro, Casa Maria Editorial/Livros Técnicos e Científicos Ed., 1989, 91 páginas.

Esta sucinta biografia de Margaret Mead faz parte de uma coletânea intitulada *Lives of Modern Women*, que a Penguin Books vem publicando na Inglaterra e que começam a ser traduzidos e editados no Brasil pela Casa Maria Editorial e Livros Técnicos e Científicos Editora. Estas duas editoras da cidade do Rio de Janeiro publicaram nesta série, entre outras, biografias de Hannah Arendt (1988), Simone de Beauvoir e Colette (1989).

O mérito deste livro está em despertar nossa curiosidade, sem entretanto satisfazê-la, sobre a vida pessoal e a obra antropológica de Margaret Mead. Phyllis Grosskurth, professora de inglês na Universidade de Toronto e autora das biografias de John Addington Symonds, Havelock Ellis e Melanie Klein, nos traz detalhes interessantes da vida de Mead, mas não logrou uma apresentação mais fiel, crítica e contextualizada de sua obra,

nem de sua importância no cenário intelectual norte-americano no começo deste século, e muito menos das várias culturas que ela procurou entender.

Biografias de antropólogos têm sido escritas nos últimos anos, tendo como preocupação a reconstrução de determinados períodos históricos, recuperando uma época e tempo, ou elucidando certas questões teóricas ou metodológicas de interesse da antropologia. Esta orientação tem trazido importantes contribuições para a história da disciplina, comparativamente a outras biografias de antropólogos. O livro de Grosskurth está voltado, a meu ver, prioritariamente a um público leigo e não-especializado, tendo pouco a contribuir neste sentido.

Mesmo assim, este livro sobre Margaret Mead nos leva a retomar um ponto crucial nos trabalhos biográficos, a saber, a

relevância ou não dos detalhes biográficos. Em que medida e qual é o critério para se usar e manipular detalhes dessa natureza? Incluir ou não esse tipo de informação tem sido uma questão pertinente a preocupar biógrafos. O uso do bom senso e da percepção da medida em que tais detalhes são reveladores (no sentido de se poder atingir realidades de outra maneira não alcançáveis) tem solucionado, pelo menos em parte, tal problema. Este, entretanto, não parece ter sido o caminho seguido pela autora, que preferiu reunir uma série de detalhes e fragmentos sobre a vida de Margaret Mead para criar uma relação mais intimista entre ela e seus leitores. Se com este recurso estilístico ganhou-se aproximação na relação autor-leitor, perdeu-se, por sua vez, a possibilidade de recuperar a importância de Margaret Mead dentro de seu tempo.

Para situar um autor e sua obra intelectual numa determinada época, e assim, dentro de uma corrente do pensamento antropológico, ou a vida de uma grande mulher em relação ao seu tempo é preciso percorrer sua biografia. Isto implica em considerar características pessoais e contingências históricas; relacioná-lo aos seus pares e seus opositores; clarear suas principais questões teóricas e metodológicas; mapear as instituições científicas envolvidas com a pesquisa e com a reprodução do conhecimento da época; relacioná-lo com as pesquisas em andamento e com os pesquisadores e cientistas com quem se podia dialogar; elencar os periódicos em circulação e as obras impressas disponíveis; identificar o público a quem o autor dirige seus textos; levantar os congressos e encontros, nacionais e internacionais, onde era possível trocar idéias, receber críticas e divulgar seu trabalho; descobrir as condições materiais com as quais o autor contava; verificar as possibilidades de formação acadêmica e científica disponíveis e acessíveis de então e, se possível for, desvendar o que ele pensava ser sua contribuição específica ao desenvolvimento do pensamento da época.

Phyllis Grosskurth não seguiu tal roteiro, tendo concentrado seus esforços na recuperação das características pessoais e da vida cotidiana de

Margaret Mead. O retrato de Margaret Mead apresentado neste livro é de uma mulher questionadora, intransigente, narcisista, calculista, cativadora, pragmática, dominadora, que não aceitava críticas; alguém que parecia bastar-se a si mesma, e que procurava com intensidade a fama, o sucesso e o reconhecimento público.

Aprendemos através do livro que Margaret Mead era filha de um economista e de uma socióloga, tendo sido casada três vezes. Ao casar-se pela primeira vez em 1923 com Luther Cressman, Mead decidiu manter seu nome de solteira, pois julgava, conforme afirma Grosskurth, que seria famosa um dia e desejava, assim, ser conhecida por seu próprio nome. Foi com Gregory Bateson, seu terceiro marido, que Mead decidiu ter sua única filha, Mary Catherine.

Ruth Benedict, então assistente de Franz Boas na Universidade de Columbia, persuadiu sua jovem aluna a tornar-se antropóloga, embora sua área de concentração até então fosse a psicologia. Interessado em questões relativas a vida mental do homem, Franz Boas orientou vários de seus alunos, entre eles a própria Mead, para estudar o comportamento diferencial dos indivíduos, através dos quais acreditava ser possível chegar à síntese da cultura. São os chamados *Estudos de Cultura e Personalidade*, que caracterizam um certo

período da Antropologia Norte-americana e com os quais a obra de Mead sempre esteve dialogando.

Robert Lowie escreve em 1937 que foi sob o estímulo de Boas e do ambiente que se formou na Universidade de Columbia, que várias antropólogas foram treinadas profissionalmente para investigar aspectos do universo feminino a que um homem dificilmente teria acesso, dado a forte divisão social entre os sexos, existentes no mundo primitivo.¹ Foi como professora adjunta na Universidade de Columbia, que Margaret Mead realizou trabalho de campo junto a diferentes povos no Pacífico Sul: Samoa, Manus, Arapesh, Mundugumor, Tchambuli, Bali e Iatmul, tendo publicado diversas monografias sobre aspectos distintos destes povos. Margaret Mead esteve também ligada ao Museu Americano de História Natural, em Nova York, durante quase toda sua vida profissional - passou a integrar a equipe do Museu em 1927.

Os trabalhos de Margaret Mead inserem-se numa nova fase de metodologia da pesquisa de campo, relacionada a formação de profissionais qualificados, treinados em universidades, que se dirigiam ao campo, para períodos intensos de convivência com povos primitivos, munidos de abstrações teóricas e metodológicas. Trata-se de um

1 Cf. Robert Lowie - *A History of Ethnological Theory*. Farrar e Rinehart. New York. 1937. 296 pags.

período de fusão de teorias gerais com a pesquisa empírica e com descrições etnográficas específicas, onde se firma o trabalho de campo profissional, garantindo uma autoridade nova e um status diferenciado ao antropólogo, como um intérprete mais qualificado da vida nativa, em oposição aos tradicionais fornecedores de imagens do mundo primitivo: os viajantes, missionários e administradores coloniais.²

O livro de Grosskurth não aborda tais questões, tratando com superficialidade a relação de Margaret Mead com a comunidade antropológica da época. No primeiro parágrafo, a autora afirma que o fato de Mead acreditar que havia respostas para tudo e que ela sabia muitas delas, inspirava tanto adoração quanto irritação. Grosskurth registra que quando Mead tornou-se colunista da revista *Redbook* (revista dirigida ao público feminino jovem nos EUA) e personalidade da TV, aumentou não só seu prestígio, como as críticas que recebia de seus pares, que a acusavam de "baratear a disciplina".

Fora da vida acadêmica, o que tornou Margaret Mead uma personalidade nacional nos EUA foi sua habilidade em interpretar a cultura americana para os americanos, discutindo, à luz do instrumental e do con-

hecimento antropológico, os temas mais variados como o medo de bruxas, discovoadores, aborto, mulheres sacerdotes, família americana, adoção, casamento, acampamento de férias para crianças, bissexualidade, degradação ambiental, Woodstock, programas nucleares, assistência social, violência contra crianças e outros tantos assuntos variados. Tais temas foram debatidos em conferências e palestras que Mead proferiu em diferentes cidades norte-americanas e apareciam na forma de ensaios publicados na revista *Redbook*, da qual Mead foi colaboradora por 17 anos. Uma seleção destes artigos foi organizada por Rhoda Metraux e publicada em 1980 sob o título *Aspects of the Present*.³

Mas se havia críticas por parte de alguns antropólogos, contemporiza a autora, é verdade que também havia partidários de Mead, que protestaram quando Derek Freeman em 1983 publicou seu livro (*Margaret Mead and Samoa*) contestando o trabalho de Mead em Samoa. "Embora resmungos surdos contra Mead dentro do establishment antropológico estivessem sendo ouvidos há muito tempo, seus integrantes fechavam suas fileiras quando um de seus monstros sagrados era aberta-

mente atacado." (pág. 87) A Controvérsia Mead-Freeman é tema de um vídeo de Frank Heimans, intitulado *Margaret Mead and Samoa* (Wombat Film and Video, New York, 1988).⁴

O segundo dos quatro capítulos do livro é entremeado por um caderno com 18 fotografias. A primeira é de Mead aos 18 meses de idade em 1902, seguida por fotografias dela com seus parentes, maridos e amigos. A última fotografia (não há crédito em nenhuma das fotografias deste caderno) de autoria de Robert Levin, editor de artigos da revista *Redbook*, é de Mead com sua neta Vanni. A maior parte destas fotografias foi publicada originalmente na autobiografia de Margaret Mead - *Blackberry Winter. My Earlier Years* (1972) traduzida pela Ediciones Paidós com o título *Experiencias Personales y Científicas de una antropóloga* (1976). (As fotografias apresentadas nesta edição em espanhol foram reproduzidas de forma invertida em relação a publicação original em inglês e as do livro de Grosskurth.)

A autora consegue com este livro, sucinto sem dúvida, mas também instigador, remeter o leitor a procurar mais sobre a vida e a obra de Margaret Mead. E aí, boas referências

2 Cf. James Clifford - "On Ethnographic Authority" in *The Predicament of Culture - Twentieth Century Ethnography, Literature and Art*, Harvard University Press, Cambridge, MASS, 1988.

3 Foi editado no Brasil pela livraria Francisco Alves Editora S.A., dentro da Coleção Presença, com o título *Aspectos do Presente*, em 1982.

4 Terence E. Hays (Rhode Island College) faz uma resenha deste vídeo na seção "Film Reviews" da *American Anthropologist*, vol. 92, n.2, June 1990, págs. 558-559.

não faltam: há a própria biografia de Mead (*Experiências pessoais y científicas de una antropóloga*, Ed. Paidós, 1976); um relato de sua filha, Mary Catherine Bateson (*With a Daughter's Eye: A memoir of Margaret Mead and Gregory Bateson*, William Morrow, 1984); o trabalho de Derek Freeman (*Margaret Mead and Samoa - The Making and Unmaking of an Anthropological Myth*, Harvard University Press, 1983) e mais recente, o artigo: "Fa'apua'a Fa'amu and Margaret Mead" (*American Anthropologist*, vol.91, n.4, 1989). Mas o deleite maior fica mesmo na leitura de algumas de suas obras, entre as quais: *Coming of Age in Samoa* (New York, 1928); *Macho e Fêmea* (Vozes, 1971); *Cartas de una antropóloga* (Bruguera-

Emece, 1983), e para entrar no mundo dos maternais Arapesh, com os quais Mead se comparava, e dos agressivos Mundugumor, que ela insinuava ser o tipo de seu segundo marido, Reo Fortune, *Sexo e Temperamento* (Perspectiva, 1969). Interessante também é o estudo feito em parceria com Gregory Bateson - *Balinese Character: a Photographic Analysis*, um dos primeiros trabalhos em antropologia visual.

No último parágrafo deste livro a autora comete um grande equívoco, ao pretender que a fama póstuma de Mead (e esta seria a "ironia suprema" de sua vida) fosse que "milhares de jovens que jamais leram os livros de Mead conhecem seu nome exatamente porque o interesse por ela foi reacendido pelo sério questionamento do

trabalho de toda a sua vida" (pág. 88). O nome de Margaret Mead, que ano após ano, vai se tornando familiar a estudantes, principalmente aqueles voltados ao conhecimento de povos e culturas no mundo todo, se deve ao fato de que sua obra contribuiu para o desenvolvimento do pensamento antropológico e para a discussão de uma série de questões que foram colocadas pela sociedade norte-americana da época, não se resumindo, certamente, as críticas e reparos que suas monografias vêm recebendo. Essas críticas, por sua vez, só podem ser formuladas dentro de um certo ambiente intelectual, que Margaret Mead ajudou a construir, e que, agora, com este seu livro Phyllis Grosskurth vem a ele integrar-se, fazendo uma pequena contribuição.